

O SOLAR DOS BERTIANDOS: UMA CASA NOBRE LIMIANA

SILVANA VIEIRA DE SOUSA*

Segundo o *Dicionário de Arte Barroca em Portugal* entende-se por Solar a «Casa-mãe de uma família nobre» ou «residência principal da nobreza de província, com especial incidência Entre Douro e Minho e Alto Douro»¹, sendo que sobre os solares portugueses, e baseando-nos no que escreve Carlos Azevedo, estes podem ser classificados genericamente consoante a época/século de construção. Durante o século XVI permanece a tradição medieval, mais evidente no Norte do país, já que os elementos renascentistas desempenham um papel secundário, surgindo também a ideia de casa voltada para o exterior e a adopção da varanda. A casa com torre é mais notória no Entre Douro e Minho, como torres senhoriais, que embora possam ter tido função defensiva inicialmente, rapidamente se tornaram símbolos de poder e domínio². Quando as torres solarengas não tinham espaço suficiente para a habitação, construíam-se espaços em redor destas, constituindo assim três tipos de moradias, sendo elas: casa com uma ala anexa à torre, casa com duas torres e um corpo que as unia, e por fim, casa com torre ao centro (tipologia a que o Solar de Bertíandos pertence). No século XVII a principal evolução arquitectónica parece encontra-se na utilização de plantas em U. A 1ª metade do século não apresenta grandes construções

* Mestre em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ MATOS, 1989: 458-460.

² AZEVEDO, 1969: 14.

devido ao país estar sob domínio filipino, mas na 2ª metade essas construções multiplicam-se, principalmente com projectos de autores anónimos em vez de projectos de autor. Assumem-se plantas mais regulares desenvolvendo-se em comprimento, e é aqui que surge a construção de espaços religiosos (capelas) anexas ou nos arredores da casa senhorial. No século XVIII assume-se uma arquitectura verdadeiramente portuguesa³, já que ao contrário do que acontecia com o barroco italiano, o barroco português não se exprime nas plantas dinâmicas ou nas paredes ondulantes, mas antes, por exemplo, no ritmo dos vãos de iluminação ou na estrutura das escadarias. Pode-se ainda evidenciar algumas características gerais deste período como: esforço decorativo concentrado na fachada principal e a utilização de fogaréis e pináculos para acentuar a verticalidade dos edifícios que em simultâneo é quebrada por barras horizontais. Desenvolve-se também a escadaria, elemento que emprega dinâmica à casa, e tenta-se a aproximação entre a casa e o jardim.



Fig. 1. Fachada principal do Solar de Bertandos. Bertandos, Ponte de Lima

Fonte: SIPA, 1951

Localizado junto ao Rio Lima, no coração do Alto Minho, e próximo de outros edifícios de carácter semelhante (atente-se nos pilares das varandas, no remate em pináculo dos torreões e na cornija das torres com gárgulas de canhão terminando com merlões chanfrados da Casa da Lage e da Casa dos Barbosa Aranha respectivamente, também em Ponte de Lima), o Solar de Bertandos apresenta-se de facto com estes e outros elementos aqui referidos, oferecendo um exemplo de requinte construtivo da família dos Pereiras.

Fernão Pereira, neto de uma irmã do Condestável D’Nuno Álvares Pereira e filho de Lopo Rodrigues Cerveira, alcaide-mor de Vila Nova de Cerveira, e de Brites Pinheiro,

³ AZEVEDO, 1969: 66.



Fig. 2. Fachada principal da Casa da Lage.
Construção inicial do final do séc. XVII e início do XVIII. S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima
Fonte: C. M. Ponte de Lima



Fig. 3. Fachada principal da Casa dos Barbosa Aranha.
Construção inicial do séc. XVII.
Centro histórico de Ponte de Lima
Fonte: SIPA, 1992

funda a Casa de Bertianos por volta de 1497. Posteriormente, depois do casamento do seu filho Lopo Pereira com Inês Pinto, constrói-se uma torre datada de 1566, acrescentando terras e criando dois vínculos dependentes que serão a base de construção para os dois solares setecentistas construídos inicialmente pelos dois irmãos (filhos deste casal), Francisco Pereira e António Pereira Pinto, aumentados e modificados nos séculos seguintes pela descendência, e que hoje formam o edifício tal como o conhecemos.

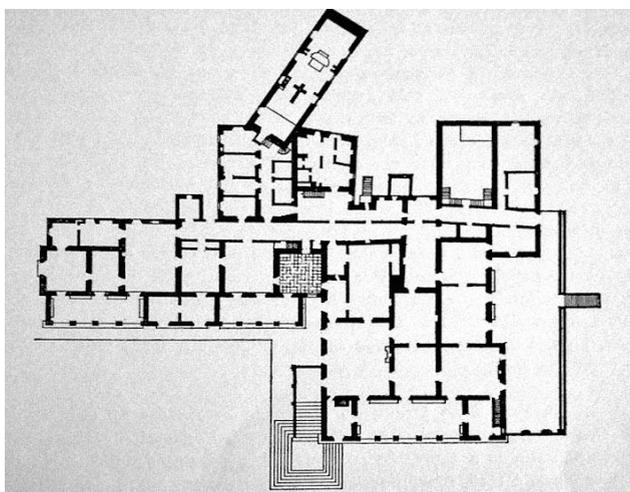


Fig. 4. Planta do Solar de Bertianos
AZEVEDO, 1969: 119

Analisando a planta do Solar de Bertiaundos consegue-se perceber a articulação de dois corpos ou alas distintas com uma torre ameada ao centro, mandada construir por D.^a Inês, e ainda a construção de uma capela, a Capela de Nossa Senhora da Conceição⁴ nas traseiras do edifício, anexa a este e com entrada para o caminho lateral que corre a propriedade, com data de conclusão em 1846 aquando o Inquérito do Arcebispado de 1845-1846. Há ainda a indicação da construção, segundo o Conde d'Aurora (escritor limiano, neto da 2.^a Condessa da Casa de Bertiaundos, que viveu entre 1896 e 1969), na parte posterior oeste do edificado de um celeiro, junto à Casa, mandado construir por António Pereira, que constrói também a capela e o portal desta⁵.

O terreiro do edifício, cortado em 1875 depois da abertura da estrada nacional 202, iria até junto do Rio Lima, e possuiu, após esse acto, um jardim da autoria do arquitecto António Inácio Pereira Freitas (jardim esse que foi suprimido em meados do século XX aquando do restauro do Solar). Este espaço, actualmente delimitado por uma sebe, apresenta ainda o que foi o pelourinho de Bertiaundos enquanto esta foi vila (de 1750 até 1852 data do 1.^o Conde de Bertiaundos, Gonçalo Pereira, que recebeu o título de D. Maria II). Seria um antigo marco miliário romano do século III inicialmente localizado na estrada que ligava Braga a Astorga, encontrado enterrado na freguesia vizinha da Feitosa e mandado trazer para Bertiaundos por Frei António Pereira Lima, irmão de Francisco Pereira da Silva, e que na segunda metade do século XVIII foi adornado com um capitel e uma cruz de ferro.

Sobre o portal de acesso à Capela, do século XVIII, consegue-se perceber a sua delimitação por pilares toscanos, rodeado por um muro alto em meia-lua. O vão da porta, de ferro, surge em arco abatido ladeado por pilastras também toscanas e o remate do portal apresenta um frontão contracurvado com nicho, onde se insere uma cruz latina em flor de lis. Por outro lado, e segundo Maria Amélia da Silva Paiva, o portal de acesso principal ao Solar de Bertiaundos surge como uma construção dos anos 70 do século XX, a mando de D. Sebastião de Lencastre, ligando dois panos de muro baixo. Apresenta forma de um arco abatido com aduelas almofadadas e o no fecho do portal surge a pedra de armas em granito dos Pereiras (com a cruz), retirada da Capela de S. Romão em S. Pedro d'Arcos, capela esta encomendada pela família dos Pereira.

A torre do século XVI, com merlões chanfrados, e a escadaria que surge do centro da casa dando acesso ao piso nobre do edifício e apresentando o patamar superior assente sobre arcos redondos sobre colunas e patamar inferior quadrangular, resultam como elementos de ligação de todo o conjunto arquitectónico. A escadaria terá

⁴ SOARES, 1986: 77.

⁵ AURORA, 1956: 11.

vido construída ao redor de 1790 depois dos descendentes dos dois irmãos Francisco e António, resolverem uma antiga disputa e quererem unir os dois vínculos através do casamento do 10º Administrador do 1º vínculo de Bertíandos, Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, com a 9ª Morgada do 2º vínculo, D. Maria Angelina Senhorinha José Justa Pereira Forjaz de Eça Montenegro.

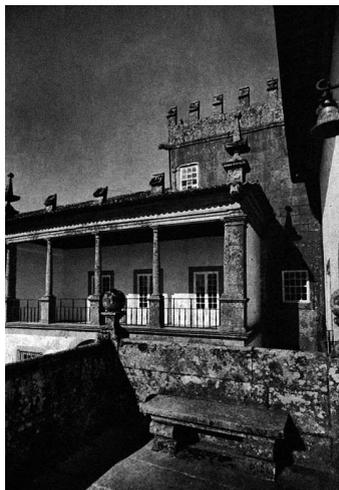


Fig. 5. Pormenor da varanda da ala poente e do topo da escadaria

Fonte: AURORA, 1956: 11

A Ala Poente do início do século XVIII, mais baixa e recuada, apresenta uma parte central com as armas, assente em dois arcos abatidos (que no início do século XX estavam fechados) e com duas janelas em sacada. Apresenta corpos laterais em varanda com alpendre de colunelos toscanos assentes em plintos, e ainda um piso térreo com janelas de peitoril, contribuindo para uma certa tendência barroca que se nota pela composição em superfície e pelo tratamento das fachadas, fortes mas sóbrias. Mais ainda se nota que o remate do corpo poente, ou seja, a continuidade dos pilares da varanda acima do telhado, vai buscar o mesmo tipo de merlões chanfrados à torre, criando assim uma continuidade construtiva e arquitectónica. A Ala Nascente, de meados do século XVIII, mais alta e avançada, apresenta o corpo da fachada principal com dois torreões rematados com pináculos, sendo que entre os torreões encontra-se o corpo central com varanda, fechada e envidraçada no início do século XX e posteriormente aberta, possivelmente aquando do restauro nos anos 40. Aliás, a varanda aliada ao torreão que vemos aqui e se referiu na Casa da Lage, apresenta também semelhanças com o que vemos por exemplo, na Casa de Pomarchão, em Arcozelo, Ponte de Lima. Isto está claramente relacionado com a intenção moderna que agora se impõe: ver (através da varanda que se abre para o exterior) e ser visto

(através da torre que marca o edifício na paisagem). As janelas do nível intermédio surgem encimadas por frontões triangulares, solução relativamente comum e que vemos por exemplo, na Casa dos Condes d'Aurora, de autoria atribuída ao arquitecto engenheiro militar Manuel Pinto Vilalobos, responsável por uma grande actividade no Norte do País. As portas do piso inferior, piso que na sua generalidade alberga zonas de arrumos e arrecadações, apresentam chapas de ferro, conseguindo-se ver ainda no canto esquerdo superior, uma seteira móvel em madeira também com chapa de ferro colocada no século XIX. As duas alas propõem, assim, um diálogo de formas e volumes, sem perder uma certa continuidade arquitectónica que as liga e evidencia, de modos diferentes, mas que contribuem por sua vez para a monumentalidade, volumetria e ritmo do edifício.

O Solar de Bertianos, considerado Imóvel de Interesse Público em 1975 e tendo a sua Zona Especial de Protecção definida em 1992, apresenta-se assim como um exemplo de continuidades e inovações nas soluções arquitectónicas que lhe são impostas, fazendo uso das formas que circulavam, sendo ainda um exemplo do que melhor a «fidalguia de província» construía na criação do seu próprio protagonismo local. Consegue ainda, apesar das alterações que vai sofrendo ao longo do tempo, manter a sua função inicial de residência, de domínio privado, sem ter o destino de muitos dos imóveis deste género, utilizados por empresas de Turismo de Habitação ou entregues a Câmaras Municipais que nestes espaços albergam os seus serviços. Mais ainda, e como prova de que as formas e modos de construir e viver a casa, que encontramos no Solar de Bertianos e noutros, permanecem no tempo, podemos verificar apontamentos arquitectónicos semelhantes que são reaproveitados em construções contemporâneas, como os remates em pináculos, os corpos «atorreados» e, claro, a utilização de varandas.

O Solar de Bertianos admite assim a permanência do espírito medieval com a sua torre «neo-medieval», se assim lhe quisermos chamar, integrando também elementos setecentistas, oitocentistas e contemporâneos, comungando todos do mesmo espaço, e contribuído para que este edifício seja um exemplar da evolução de formas da arquitectura de habitação.

BIBLIOGRAFIA

- AURORA, Conde d' (1956) – *O Solar de Bertianos*. «Revista Lusíada», separata n.º 4. Porto: [s.n.].
- AZEVEDO, Carlos de (1969) – *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre*. Lisboa: Livros Horizonte.

- MATOS, José Sarmiento de (1989) – *Solar*. In PEREIRA, Paulo, *coord.*; PEREIRA, José Fernandes, *dir.* – *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.
- PAIVA, Maria Amélia da Silva (2004) – *As Portadas na Arquitectura Civil do Concelho de Ponte de Lima – estruturas, funções e significados*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- SOARES, Franquelim Neiva (1986) – *A Sociedade Pontelimense na primeira metade do século XX: O Inquérito do Arcebispado de 1845-1846*. Ponte de Lima: Arquivo de Ponte de Lima.